

CENTRO REICHIANO DE PSICOLOGIA CORPORAL

ALINE CARDOZO

**MENTES E CORPOS AGRESSIVOS: UMA VISÃO DA
PSICOLOGIA CORPORAL**

**CURITIBA
2009**

ALINE CARDOZO

**MENTES E CORPOS AGRESSIVOS: UMA VISÃO DA
PSICOLOGIA CORPORAL**

**Monografia apresentada como
requisito parcial ao Programa de
Especialização em Psicologia
Corporal, ministrado pelo Centro
Reichiano.**

**Orientador: Prof. Dr. José Henrique
Volpi**

**CURITIBA
2009**

FICHA CATALOGRÁFICA

Cardozo, Aline.

Mentes e corpos agressivos: uma visão da psicologia corporal / Aline Cardozo – Curitiba: Centro Reichiano, 2009.

Orientador: Prof. Dr. José Henrique Volpi

Monografia do Curso de Especialização em Psicologia Corporal,
Centro Reichiano de Psicologia Corporal.

1. Agressividade. 2. Sensação. 3. Vegetoterapia.



TERMO DE APROVAÇÃO

Eu, **Prof. Dr. JOSÉ HENRIQUE VOLPI**, no uso de minhas atribuições legais no **Curso de Especialização em Psicologia Corporal**, ministrado pelo Centro Reichiano, na cidade de Curitiba/PR, Brasil, considero **APROVADO**, com **CONCEITO C**, o trabalho monográfico de conclusão de curso da aluna **ALINE CARDOZO**.

Curitiba, 9 de Agosto de 2009



Prof. Dr. José Henrique Volpi
Orientador

CENTRO REICHIANO

Av. Prof. Omar Sabbag, 628 Jardim Botânico Curitiba/PR - Brasil - CEP: 80210-000
Fone/Fax (41) 3263-4895 / Site: www.centroreichiano.com.br / E-mail: centroreichiano@centroreichiano.com.br

DEDICATÓRIA

Ao meu noivo CARLOS,
pela preocupação, carinho e incentivo
para que eu termine essa pesquisa e
por existir em minha vida.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar gostaria de agradecer meu orientador JOSÉ HENRIQUE VOLPI, pela sua paciência, atenção, ensinamentos e por ser um profissional que tanto admiro e procuro seguir seu exemplo.

A SANDRA MARA VOLPI por compartilhar seus conhecimentos de uma maneira tão afetiva.

A minha mãe MARIA SALETE por me apoiar nos momentos que mais preciso.

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é compreender da onde vem tanta agressividade quem vem sendo exposta pelas pessoas em atos que acabam em tragédias.

O que leva alguém matar um ser humano por dinheiro? O que leva pais a maltratar seus próprios filhos? Adolescentes estragam seu futuro agredindo outro mais fraco acabando com a vida ou levando a invalidez. Notícias sobre assassinatos, maus-tratos e abuso sexual acontecem diariamente na mídia provocando sérios questionamentos.

Neste trabalho irei expor o que é a agressividade e suas possíveis causas, fazendo uma leitura dessa situação sob a perspectiva da psicologia corporal.

Palavras-chave: agressividade, peste emocional, vegetoterapia caracterológica, análise.

SUMÁRIO

RESUMO

1 INTRODUÇÃO.....	09
1.1 Justificativa.....	09
2 AGRESSIVIDADE.....	11
3 NEUROBIOLOGIA DA AGRESSÃO.....	15
4 VEGETOTERAPIA.....	18
4.1 Caráter impulsivo.....	23
4.2 Desenvolvimento emocional.....	23
5 AUTO AGRESSÃO.....	27
6 PREVENÇÃO.....	29
7 CONCLUSÃO.....	34
REFERÊNCIAS.....	36

1 INTRODUÇÃO

A agressividade geralmente provem da raiva contida e esta raiva quando não canalizada ou expressa de maneira equilibrada e coerente pode gerar um transtorno agressivo grave. A raiva, segundo Viscott (1982) é o sentimento de ser irritado, ofendido, ser posto de lado, molestado, importunado, enraivecido, “esquentado”. É natural as pessoas de vez em quando ficarem magoados e sentirem raiva, mas há casos que estão passando dos limites da normalidade.

No último ano, fomos telespectadores de cenas chocantes onde havia agressão, de maneiras diferentes. Caso de pai jogando filha pela janela (casal Nardoni), namorado dando término da vida da ex-namorada (caso Eloá), filha matando os pais (Susane von Richthofen), ataques terroristas, maltrato a animais, assaltos, violência doméstica, desrespeito com o meio ambiente, etc. Enfim, são apenas alguns exemplos do que está acontecendo ultimamente no mundo, com o sentimento das pessoas, um desequilíbrio tamanho que chega a ponto das pessoas cometerem crimes, pois não vêem outra saída.

A raiva guardada, além de poder desenvolver vários tipos de doenças físicas e emocionais, no momento que a pessoa não agüenta mais conter há uma explosão o que pode levar à violência e agressão. Amor, alegria, frustração, medo, raiva e tristeza são sentimentos que temos que por pra fora, caso contrário o corpo responde, nosso organismo sente, reage, adoecer. Afinal, como dizia Reich, nossa história fica gravada no corpo.

É de suma importância saber diferenciar quando a agressividade está se manifestando de maneira passageira ou quando é um comportamento crônico, por isso a importância de acompanhamento profissional.

1.1 Justificativa

O tema agressividade me chama muito a atenção, pois diariamente é noticia no mundo todo, embora sempre existisse a violência e agressividade, mas hoje em dia parece estar mais freqüente e brutal.

Tive então a curiosidade de procurar entender qual a origem deste problema, o porquê determinadas pessoas chegam ao ponto de acabar com a vida do outro, torturar seja de maneira física ou psicológica e agredir.

Sei que tal explicação seria mais completa se eu explorasse um pouco deste tema dentro da abordagem da Psicologia Corporal, digo um pouco do tema, pois é muito complexo e há vários tipos de agressão, a agressão contra outra pessoa, contra animais, contra si mesmo, agressão em massa, agressão verbal, agressão psicológica, agressão contra a natureza, etc. Aqui irei falar mais especificamente da agressividade de um indivíduo ao outro com base na psicologia corporal, pois é a que mais vem me chamando a atenção.

Minha curiosidade dentro deste tema é também entender e explorar como é a educação que recebe a pessoa que apresenta comportamento agressivo, em que fase do desenvolvimento ela pode ter comprometimento, qual estrutura de caráter predominante, afinal esse comportamento como qualquer outro fica transcrito no corpo não apenas na mente.

Gostaria de fazer alguma diferença após a conclusão deste trabalho tanto para profissionais que lidam com a mente e corpo como para leigos, que ao ler o trabalho compreendam melhor e saibam agir com pessoas que apresentam este comportamento, prevenir filhos, irmãos, amigos, etc, de chegar ao ponto de desenvolver um transtorno, que é o que a agressividade pode levar, é o que estamos vendo diariamente nos noticiários.

2 AGRESSIVIDADE

Quando se fala de agressividade logo se associa à violência e se sabe que a violência sempre esteve presente no desenvolvimento da humanidade e parece que na atualidade ela fica a cada dia mais evidente diante dos meios de comunicação que temos disponível. Vimos que indivíduos do mundo todo apelam para a violência e agressão.

A violência já era presente quando a humanidade organizou-se em cidades. O ser humano entendia que somente a sua raça e crença eram puras e se achava no direito de matar e escravizar em função dela. Continuou a matar e a atacar em busca de território erguendo muralhas. Diferente da violência do homem das cavernas que estava ligada ao medo primitivo do homem lutar por sua sobrevivência, esta agressividade estava relacionada ao sentido de preservação da vida e não de destruição (OLIVEIRA, 2008).

A autora ainda fala que a agressividade tomou novas diretrizes a partir do desenvolvimento da linguagem e dos símbolos que possibilitaram ao homem meios diferenciados de se expressar, comunicar e interpretar o mundo. Na atualidade o homem continua constantemente lutando pela sobrevivência, mas as estratégias estão mais implícitas, assim cada indivíduo luta e se protege de diferentes maneiras.

A agressividade chama atenção para discussões na sociedade de modo geral porque está escancarada no comportamento individual e influencia diretamente as relações sociais, trazendo prejuízos graves. Pelo fato de ser tão divulgada, a agressividade que antes parecia silenciosa, cresce e integra o imaginário do ser humano que a reproduz e ao mesmo tempo a recrimina. Pois o homem tornou-se refém do próprio sistema de organização social que criou e que limita o saber e o ser em favor do ter e do poder, produzindo ações agressivas entre ele e seu meio e consigo mesmo (OLIVEIRA, 2008).

Seguindo a idéia da autora, o constante aumento da agressividade também se evidencia pelo descaso e auto-interesse. A eterna busca pela felicidade fica ligada aos objetos, tomados pelo homem, como aqueles que satisfazem os desejos, completam as falhas e os vazios, cada vez mais cristalizados e crescentes, alimentados por uma sociedade hierarquizada, violenta e competitiva constituída por indivíduos que se desrespeitam e escraviza-se na busca de completude e prazer.

Reich definia muito bem como se mostra o homem nos últimos tempos, como aquele que tem medo de olhar pra si, medo de amar e do seu próprio poder, isolando-se em si mesmo, em suas vontades e em seus temores, deixando-se dominar cada vez mais por uma onda silenciosa de violência que o infiltra sem encontrar barreiras, pois este se torna imóvel, demasiadamente cauteloso e cheio de medos, que o faz reagir também com violência, seja implícita ou explícita, contra os que ameaçam sua falsa estabilidade (OLIVEIRA, 2008).

A agressividade que percebemos hoje em dia tem seu histórico, sendo que pode vir de experiências da infância, em vez de acolhimento e compreensão pode ser que a criança tenha experienciado apenas violência e crueldade.

Não tem uma causa única é um conjunto de fatores dentre eles podemos citar tendência inata, patologia, ambiente desfavorável ou experiências dolorosas. A agressividade é considerada um distúrbio quando o comportamento se caracteriza por ataque, destruição, hostilidade.

Os homens tendem à violência física direta, pois o sexo masculino apresenta baixa tolerância à frustração, dificuldade em aprender regras sociais, problemas de concentração, capacidade reduzida de compreensão dos sentimentos das outras pessoas e inteligência defasada. O que mais chama a atenção em relação à agressividade nos homens é a falta de contenção psíquica, que os faz passar do sentimento ao ato da agressão quase imediatamente e é comum logo em seguida do ato ter o sentimento de arrependimento.

As mulheres têm mais habilidade para dissimular, manipular, desenvolver intrigas e realizar pressões psicológicas, pois sua inteligência social se desenvolve antes da dos meninos.

Os papéis sociais aprendidos tanto pelos meninos tanto quanto pelas meninas tem sua importância. As crianças crescem ouvindo dos seus pais, professores, enfim da sociedade que meninas não batem e que os meninos têm que saber se defender. (LUCK e STRUBER, 2006).

Sabe-se que a crueldade do ser humano vai de contra o que ele mais almeja. A cada tentativa de alcançar os objetivos que almeja mais profundamente, ele não encontra nada mais do que sua rigidez. Nas repetidas e desesperadas tentativas de romper sua rigidez, todo impulso de amor

transforma-se em ódio. O homem não quer odiar, ele é forçado a odiar devido a sua couraça (REICH, 1987). Couraça representa uma armadura, escudo, proteção, do âmbito emocional. A couraça que se manifesta como defesa para proteger o Ego contra o perigo do mundo externo. Quando essas defesas se tornam cronicamente ativas e automáticas acabam formando as couraças, desta maneira definiu Reich, sendo assim um enrijecimento das atitudes caracteriais que bloqueia as excitações emocionais e sensações orgânicas do ser humano (VOLPI e VOLPI, 2003).

É falado também em couraça muscular, que se refere a uma contração permanente da musculatura, que pode ocorrer na musculatura lisa ou na musculatura esquelética. Para que aconteça esta contração permanente da musculatura ocorre a presença de um estímulo que se transforma em impulso nervoso, é recebido pelo tecido muscular provocando uma alteração química, que conseqüentemente provoca uma alteração elétrica fazendo com que o músculo mude de forma e se contraia (VOLPI e VOLPI, 2003).

Os autores explicam que as couraças podem ser divididas em couraças crônicas que são aquelas que se formam no início da vida e as couraças flexíveis que são aquelas que se formam no dia a dia como defesa e podem ser abandonadas facilmente.

Para ter sensações de fluidez energéticas prazerosas flexibiliza-se ou dissolve-se a couraça. Para flexibilizá-las ou dissolvê-las, utiliza-se a técnica da vegetoterapia, onde se libera a energia aprisionada na musculatura, e por conseqüência as emoções. Resolvem-se assim, os conflitos psicológicos a partir de lembranças da situação da infância na qual ocorreu a repressão do instinto (VOLPI e VOLPI, 2003). Mais adiante aprofundarei mais sobre a vegetoterapia.

Observa-se que quando uma situação aversiva ocorre, o ser humano, como forma de proteção, contrai toda musculatura, que permanece nesse estado até que o ambiente propicie um relaxamento. Se isso não ocorrer ou se as contrações que decorrem desses estímulos aversivos forem constantes, a musculatura irá permanecer em um estado de tensão, um estado de alerta. Essa rigidez que Reich nomeou couraça muscular, que serve para proteger emocionalmente o homem contra estímulos desagradáveis provindos do meio, complementam os autores.

Presume-se que o ser humano agressivo permaneça em constante estado de alerta com toda sua musculatura contraída e só obtêm relaxamento após o ato da agressão, seja contra si mesmo ou contra o outro.

Como já foi falado no início do trabalho, a agressividade geralmente provêm da raiva contida, e é o que faz com que o ser humano mantenha sua musculatura contraída. Como a raiva não é um sentimento agradável se não lidada de maneira adequada, pode levar a agressão.

Viscott (1982), diz que quando a verdadeira fonte da raiva é a mágoa que não está definida pela pessoa a ponto desta ficar enraivecida, o problema se agrava quando manifestar provoca uma dor inaceitável para a pessoa a ponto da raiva ficam bloqueados e os sentimentos de ira ficam “remoendo” dentro dela. Já algumas pessoas não se permitem sentir raiva, se culpam por ter esse sentimento vez ou outra ou acham que é pecado. Há pessoas que acham que se ignorarem ou simplesmente esperarem que a raiva passe ela se esvairá, quando na verdade a raiva reprimida só fará aumentar a mágoa que a originou.

Seguindo a idéia do mesmo autor, fica claro que os bloqueios que impedem a raiva de fluir de forma natural para fora, canalizam-na para dentro, como se a pessoa estivesse punindo a si mesmo, mais adiante será falado um pouco da auto agressão. A pessoa que compreende seus sentimentos não se permite ficar remoendo sua dor, dando asas a fantasias raivosas, ela confronta abertamente a pessoa que lhe deixou com este sentimento e, logo, lhe diz exatamente o que pensa da situação, sem exagero e sem agressão.

3 NEUROBIOLOGIA DA AGRESSÃO

O motivo pelo qual nos comportamos de determinada maneira é pelo fato de nossos sentimentos serem subjetivos em relação a coisas, acontecimentos e pessoas. A esses sentimentos subjetivos damos o nome de emoção, citando como exemplo a raiva, medo, tristeza, ciúme, dentre outros (KOLB e WHISHAW, 2002). Sabendo que a agressividade provem de uma emoção, geralmente da raiva contida.

A expressão da raiva inclui alterações fisiológicas, como alterações na frequência cardíaca, na pressão sanguínea e nas secreções hormonais. Incluem também certas reações motoras, principalmente movimentos dos músculos faciais para produzir expressões (KOLB e WHISHAW, 2002).

As emoções, dentre elas a raiva, envolvem pensamentos ou planos relacionados à experiência, que podem ocorrer na forma de repetição na mente de conversas e incidentes, ou antecipação do que se poderá dizer ou fazer sob circunstâncias semelhantes no futuro, explicam os autores citados anteriormente.

Em um estado emocional típico certas regiões do cérebro enviam mensagens a muitas outras áreas cerebrais e a grande parte do restante do corpo por meio de hormônios e do sistema nervoso autônomo. Essas mensagens produzem uma alteração global no estado do organismo, e esse estado alterado influencia o comportamento, geralmente de maneira inconsciente (KOLB e WHISHAW, 2002).

São estas alterações e aspectos neuropsicológicos que exercem influencia nas manifestações de agressividade que veremos a seguir.

Criminosos com diversas passagens pela polícia em geral são pessoas com dificuldade para controlar impulsos agressivos e isso tem um por que. A impulsividade de criminosos violentos crônicos parece ter como base uma predisposição cerebral. Neurologistas compararam a anatomia do cérebro desses homens a pessoas comuns e descobriram nos primeiros, alterações fisiológicas na região frontal, mais exatamente no córtex pré-frontal e no sistema límbico. Estas são áreas que estão ligadas ao surgimento, decodificação e controle das emoções. Efeitos inibidores sobre partes do sistema límbico, principalmente o hipotálamo e a amígdala, de onde vêm os impulsos agressivos, são atribuídos a áreas do córtex pré-frontal. Esse

pressuposto é a base da “hipótese do cérebro frontal”, segundo a qual as raízes psicobiológicas do comportamento anti-social podem ser compreendidas como um “defeito” na regulação do córtex e do sistema límbico (LUCK e STRUBER, 2006).

Lesões no hipocampo também podem afetar o processamento e o julgamento de informações emocionais, assim como o mau funcionamento da amígdala. O que explica o destemor, a falta de empatia e a ausência de sentimentos de culpa característicos de criminosos agressivos. Alterações na quantidade de neurotransmissores já bastam para tirar dos eixos o controle dos impulsos e das emoções.

A serotonina exerce um importante papel, ela é sintetizada nos núcleos dorsais da rafe, partindo de lá, ela chega a inúmeras estruturas cerebrais onde participa da transmissão de estímulo às sinapses. A quantidade de serotonina no cérebro pode ser medida pela concentração de um dos produtos de sua composição, o ácido hidroxindoleacético (5-HIAA), no líquido cefalorraquidiano. Baixo nível da substância está relacionado a comportamentos anti-sociais. Mas ainda não está comprovado se o efeito não é apenas indireto, pois uma pessoa que, devido à falta de neurotransmissor sofre de ansiedade e se sente ameaçada, provavelmente tende à “agressão reativa”. Sentindo-se atacada, agride para se defender.

Portanto, a agressividade crônica grave não está automaticamente relacionada a defeito no córtex pré-frontal. Há pessoas que cometem atos de grande agressividade regularmente, apesar de seu cérebro frontal estar intacto.

Estas pesquisas foram feitas no sexo masculino, pois é raro mulheres violentas serem estudadas sendo que a proporção é maior nos homens. Sabe-se que as mulheres por natureza, tem mais controle de seus impulsos, que são falhos apenas quando a função cortical é lesionada de forma prematura e maciça.

O hormônio sexual masculino, a testosterona, ultrapassa a barreira hemato-encefálica e se conecta a receptores no hipotálamo e na amígdala. A amígdala é necessária para a sobrevivência das espécies. Ela influencia as respostas autônomas e hormonais por meio de conexões com o hipotálamo, além de influenciar nossa consciência de conseqüências positivas e negativas de eventos e objetos por suas conexões como o córtex pré-frontal.

Sendo possível considerar que a concorrência de conflitos constantes podem alterar o nível de testosterona permanentemente.

Tais desníveis de hormônio ou das substâncias transmissoras podem ser hereditários ou surgir por influencia do ambiente (LUCK e STRUBER, 2006).

4 VEGETOTERAPIA

O ser humano está perdendo progressivamente a percepção real de seu corpo e suas respectivas necessidades, identificando-se mais com o papel que atua na sociedade adequando-se a esse ritmo ao invés de adequar-se aos ritmos biológicos ligados a sua história, o que deveria ser algo natural. Sendo a sociedade que determina como o homem deve agir e reagir, o homem se expressa em emoções substitutas que constituem o que é considerado normalidade. Assim o ser humano acaba reprimindo suas emoções e sabe-se que a repressão altera qualquer forma e nível de um desenvolvimento psicoafetivo sadio. Esse é um dos motivos de testemunharmos tanta agressividade no mundo.

A Psicologia Corporal vem para que o homem tenha uma percepção de seus ritmos biológicos que estão ligados a sua história, e como já foi falado no início a história do ser humano fica gravada em seu corpo, então para que a natureza humana prossiga não devemos separar o que a mente pensa do que o corpo sente. Afinal, a mente e o corpo são uma unidade, a energia vital do organismo se expande quando nos sentimos bem e amorosos e contrai-se quando nos sentimos ansiosos, raivosos e culpados (REICH, 1998).

Para ser mais específico, na Psicologia Corporal existe a vegetoterapia caracterológico-analítica que é uma forma de tratamento eficaz para quem está emaranhado dentro da peste emocional, com comportamentos agressivos sendo essa agressividade contra si mesmo ou contra o outro; a vegetoterapia pode também servir como uma psicoterapia de prevenção.

Segundo Navarro (1996), a vegetoterapia caracterológico-analítica é uma vivência que permite ao indivíduo mudar ou flexibilizar a relação e a valoração do mundo por meio de uma visão e um sentir naturais. É uma técnica de liberação emocional, é entrar em contato consigo mesmo e reencontrar a alegria de viver proporcionando uma maturação funcional do corpo. Dissolve gradualmente os bloqueios energéticos que formam a couraça psicológica enraizada no corpo, assim o indivíduo sente que está recuperando seu verdadeiro eu e não apenas descarrega as tensões que o angustiam.

Entende-se a vegetoterapia como uma proposta de revolução-evolução sociocultural permanente que supre as necessidades do indivíduo que na atualidade encontra-se freqüentemente alienado e fraco, porque está privado

de uma verdadeira consciência, sendo vítima de uma falsa ou dupla consciência.

O nome vegetoterapia é pelo fato de ser um trabalho terapêutica que atua diretamente no sistema neurovegetativo e característico-analítica pois é feita uma análise para maturação do caráter. Um de seus diferenciais é que a terapia que é apenas verbal impõe enormes dificuldades à superação de conteúdos relacionados com as vivências associadas, especialmente do período pré-verbal, a vegetoterapia tem como intuito curar o paciente valendo-se de determinadas intervenções corporais chamadas de *actings* que provocam reações neurovegeto-emocionais e musculares capazes de reestruturar uma psicoafetividade sadia, considerada desde o nascimento do indivíduo (NAVARRO, 1996). Os *actings* não são apenas exercícios, *acting* significa uma ação com intenção, tem um significado e atua no desenvolvimento emocional do indivíduo.

A vegetoterapia trabalha com os segmentos de couraça. Os segmentos de couraça foi o que Reich propôs, ele fez um mapeamento emocional do corpo humano em sete segmentos que se dão em forma de anel, comprometendo todas as partes anatômicas da região onde se encontra como os tecidos, órgãos e músculos. São eles: ocular, oral, cervical, torácico, diafragmático, abdominal e pélvico (VOLPI e VOLPI, 2003).

O indivíduo com agressividade aflorada tem predominantemente um comprometimento no estágio ocular, o estágio ocular é o primeiro nível que é composto pelos olhos, ouvido e nariz. Percebe-se que o comprometimento mais acentuado da pessoa agressiva fica nos olhos.

Este nível deveria ser imediatamente integrado num funcionalismo unitário desde o nascimento, caso contrário o indivíduo tem grande propensão a perder o contato com a realidade, o que acarreta a ele, falsos contatos e até dissociações.

Há inúmeras formas do ser humano manifestar a agressividade e muitas delas pode ser uma psicossomatização, que é quando a ação do indivíduo conseqüentemente desencadeia uma doença. Um indivíduo psicossomático não tem ligação energética entre os dois primeiros níveis de segmentos de couraça e as tensões se descarregam no hipotálamo pelo sistema neurovegetativo. A dificuldade desses indivíduos em se expressar verbalmente justifica o insucesso da psicoterapia verbal e a necessidade de adotar uma

metodologia que faça uso de uma comunicação pré-verbal centrada no corpo e na sensorialidade. Considerando também o fato de que muitos indivíduos com uma agressividade exacerbada pode estar no quadro da psicose, por esse motivo podem relatar ter alucinações auditivas, visuais, olfativas e, igualmente gustativas ou sensoriais. No nascimento essas funções sensoriais deveriam se integrar e se coordenar harmoniosamente, o que implica que no início da vida pode haver uma dissociação inteiramente fisiológica (NAVARRO, 1995). É importante lembrar que não se deve confundir o núcleo psicótico com o psicótico, o núcleo psicótico tem um surto, mas passa, já quando ocorrem muitos surtos e não passa, é psicótico.

O autor ainda fala que o bloqueio do primeiro nível é a reação do recém nascido contra a atmosfera de rejeição e destrutividade que encontra no útero ou após nascer. Esse bloqueio não faz com que a progressão do funcionamento dos outros níveis não aconteça, mas o desenvolvimento psico-afetivo fica caracterizado por certas perturbações do comportamento que poderão chegar às crises psicóticas da puberdade e adolescência. Portanto, pessoas que aparentam estar dentro do padrão da normalidade podem ter sob seu caráter de superfície um núcleo psicótico.

Pessoas com núcleo psicótico têm um bloqueio que pode se chamar uma alterada visão do mundo, o que significa que há algo bloqueado nos olhos que impede o indivíduo de ter uma clara visão do mundo e isso faz com que não interprete ou interprete a realidade exterior de forma diferente, outras características muito importantes é sua dificuldade de contato e a dificuldade em lidar com seus limites, ficando em estado de defesa para não se deixar levar pela depressão. Estas pessoas também tem o primeiro nível sobrecarregado de energia porque o cérebro reptiliano (primeiro cérebro da evolução) precisa de muita energia para sobreviver.

Percebe-se a grande importância de descarregar o primeiro nível com o trabalho da vegetoterapia, assim irá permitir ao indivíduo entrar em contato real com o mundo em que vive (VOLPI e VOLPI, 2003).

Paralelo ao núcleo psicótico vai aparecendo a oralidade; vai aparecer, se estabelecer por uma carência de amamentação ou excesso, sem qualidade. Se o núcleo psicótico e o caráter oral (ou *borderline*, como chama Navarro) estão interligados, a pessoa agressiva se encaixa aqui. Sabendo que a principal

característica do núcleo psicótico é o medo do contato e do oral (*borderline*) é o medo da rejeição. A seguir entende-se o que é o *borderline*.

A tradução de *borderline* pode-se entender como “estado limítrofe”. Pessoas *borderline* têm um comprometimento na fase da amamentação e desmame, período de intensa e profunda ressonância afetiva. A amamentação além de servir como alimentação tem seu significado que é o contato, o calor, o amor, indispensáveis à gênese da comunicação. Devido à amamentação ter essa importância, o desmame deveria ser considerado o momento mais delicado da vida do bebê pois é nesse momento que ele está se separando do campo materno para chegar ao campo familiar (NAVARRO, 1996).

O *borderline* é causado devido a condição distímica que se instala no período neonatal. Distímia é o distúrbio do equilíbrio emocional que provoca alterações do humor. Assim como há um núcleo psicótico cuja gênese é intrauterina, há um núcleo psicótico cuja gênese é neonatal que está ligado a amamentação e desmame inadequados.

A falta de amamentação, que acontece pela substituição da mamadeira provoca um vínculo frio com a mãe, que na vida adulta pode levar a pessoa a tratar o outro como objeto e não com sujeito. A amamentação por poucos meses (quatro a cinco meses) se bem feita pode não ter conseqüências, mas ocasiona o que chamamos de oral insatisfeito, que conduz uma depressividade que aparece na vida em toda ocasião de “perda”; que a pessoa na vida adulta pode compensar usando drogas, álcool ou fumando, por exemplo (NAVARRO, 1996).

Uma amamentação considerada sadia é quando acontece até o oitavo ou nono mês, pois a partir deste período o bebê já é capaz de comer outros alimentos. Prolongar muito a amamentação pode causar uma dependência psicológica, pois conseqüentemente se está prolongando a condição simbiótica. Ao amamentar a mãe deve estar disponível amorosamente ao bebê, para ter uma qualidade no contato.

O desmame também é muito importante, deve ser gradual, tendo início de preferência desde o quinto mês, que é quando a criança começa a ter contato com a realidade através da boca, normalmente levando objetos até ela. Um desmame brusco ou com frustrações pode gerar a reação de raiva no recém-nascido, nesse caso pode ocorrer o que chamamos de oral reprimido. A paranóia é uma manifestação da oralidade reprimida (NAVARRO, 1996).

Para melhor entendimento do núcleo psicótico e do *borderline* também chamado de oral, é importante saber que muitas vezes eles andam juntos. No núcleo psicótico a pessoa normalmente não olha nos olhos da outra pessoa com quem está falando, apesar de que, “não olhar nos olhos” é uma característica clássica de todas as neuroses, pois é um traço que ficou do núcleo psicótico, pelo medo do contato. Já o núcleo psicótico juntamente com o *borderline* é diferente, pois o bloqueio fica no nível da boca e tende a deslocar-se para os olhos; nestes casos encontramos pessoas que para não entrar em uma depressão vivem uma situação psicótica, porque a pessoa acredita ter menos sofrimento do que entrar numa explosão da depressividade (NAVARRO, 1995).

Em alguns casos o estado depressivo leva ao suicídio, quando um psicótico se suicida é que ele está saindo da psicose (comprometimento nos olhos) para entrar em depressão (comprometimento na boca). É fundamental que haja ligação energética entre os primeiros níveis (olhos e boca), pois assim a pessoa vai conseguir expressar verbalmente suas dificuldades (causadas pelos bloqueios) (NAVARRO, 1995).

Nestes casos, a vegetoterapia proporciona ao mesmo tempo preencher a falta de “maternagem” e “encourajar” gradualmente, energeticamente, todos os níveis, partindo do primeiro, dando assim um eu normal ao indivíduo. Para ser mais específico, no núcleo psicótico o paciente precisa de energia, pois é decorrente de um estresse que aconteceu durante a vida intra-uterina, então a postura do terapeuta deve ser de útero, ou seja, quente, caloroso, acolhedor, disponível, que dá contato, carinho e calor para que o paciente se sinta aceito. Para haver um contato físico real a massagem reichiana é de grande importância. Já no *borderline*, como o problema é decorrente do período neonatal, época da amamentação e desmame, o terapeuta deve representar a mãe boa que o paciente não teve, fazendo assim, a maternagem, como se o paciente fosse um recém-nascido. Sendo que para os casos de agressividade é muito importante realizar os *actings* para os olhos e para boca, já que os olhos descarregam o medo e a boca descarrega a raiva (VOLPI e VOLPI, 2003).

4.1 Caráter impulsivo

Vejo que o caráter impulso nada mais é do que Navarro definiu como núcleo psicótico e Lowen como esquizóide. Lembrando que um caráter nunca é puro, uma pessoa pode ter traços de vários caracteres tendo predominância em um deles. Aqui está exposto como Reich definiu o caráter impulsivo.

Reich percebia que a educação repressora das crianças estava contribuindo cada vez mais para a formação de uma personalidade neurótica e compulsiva.

Segundo Reich, a base de um conflito não estava na falta de um Superego e sim, num relativo enfraquecimento deste. As pessoas de caráter impulsivo desenvolviam esse transtorno, quando o exemplo dos pais durante o desenvolvimento infantil, era impróprio. Eram pais ausentes, não confiáveis, violentos e destrutivos. Eram crianças que no passar de sua infância haviam experimentado momentos de intenso prazer, acompanhado de intensa desilusão e severas punições por parte dos pais, e devido a isso, desenvolveriam em seguida, tendência a um comportamento impulsivo. O surgimento do caráter impulsivo, não é restrito à grupos raciais, sexuais, ou camadas sociais. Os problemas que levam a pessoa a desenvolver esse tipo de transtorno são encontrados em qualquer camada da população onde faltem a estrutura emocional adequada, os limites, objetivos positivos, afeição, satisfação e uma relação paternal consistente. Esse era um problema ligado à constelação sócio-familiar (VOLPI e VOLPI, 2003).

Geralmente são pessoas sem nenhuma auto-estima. No contato inicial com eles, fica claro que tem uma valoração muito pequena a respeito de si mesmo. Muitos demonstram um comportamento excessivamente desafiador e competidor. Outra característica comum que se percebe nos impulsivos é a ação constante que tem como objetivo evitar os sentimentos. Reich via o caráter impulsivo como uma fase transitiva entre a neurose e a psicose (VOLPI e VOLPI, 2003).

4.2 Desenvolvimento emocional

Para compreender melhor os bloqueios e comprometimentos é importante explorar um pouco sobre o desenvolvimento emocional. Logo após

o nascimento ocorre uma comunicação emocional entre o bebê e a pessoa que desempenha a função materna. Dificuldades que ocorrem no processo de interação, principalmente nos dois primeiros anos de vida, podem contribuir para a configuração de distúrbios de desenvolvimento, inclusive dificuldade de controlar os próprios impulsos, falta de empatia e capacidade reduzida de solução de conflitos.

Experiências vividas pelos pais em sua infância exercem influência sobre sua competência educativa. Enquanto alguns se apegam às próprias dores e reproduzem modelos de abandono e agressividade que viveram quando crianças, outros se permitem reelaborar as próprias carências com generosidade, oferecendo aos filhos acolhimento amoroso e continente, interrompendo assim o ciclo vicioso de violência física e patológica. Por outro lado, parece que se a criança tem uma constituição cognitiva e emocional sólida, as influências negativas do ambiente em que ela vive podem ser parcialmente compensadas (LUCK e STRUBER, 2006).

Mas, segundo a Psicologia Corporal, o desenvolvimento emocional começa muito antes do que já foi falado, tem início desde o começo da gestação. Especificamente no caso de pessoas agressivas percebe-se que o comprometimento acontece justamente na fase da gestação até os primeiros meses de vida, que é o período chamado neonatal. Vamos entender um pouco mais sobre estas fases.

Nos primeiros dias de vida existe apenas o zigoto que vai se dividindo e passa a se chamar blastômeros, a junção dos blastômeros forma a mórula que ainda está percorrendo a tuba uterina para chegar no útero da mãe. Nesses primeiros dias que os hormônios da mãe começam a se alterar. Depois de alguns dias, na segunda semana, o útero recebe o líquido amniótico para proteger aquele que vai se tornar um bebê e o útero vai ganhando espaço para alojar confortavelmente este mesmo bebê que vai poder escolher o lugar melhor para ficar (VOLPI e VOLPI, 2002).

Na terceira semana já está formado o embrião, e uma das alterações hormonais da mãe é que ela para de menstruar. Na quinta semana os órgãos começam a se formar, é uma fase muito delicada, pois é nela que se formam os primórdios de todas as principais estruturas externas e internas do organismo do bebê. Na sexta semana os braços, pernas, mãos e pés já aparecem e é a fase que os olhos vão aparecendo também. Na sétima e oitava

semana o embrião já consegue abrir os olhos e os ouvidos estão quase formados, mas o sexo ainda não é possível saber. Até aqui é um período extremamente delicado, pois o embrião é muito vulnerável aos efeitos das drogas, dos vírus, da radiação e de qualquer tipo de estresse, o estresse é muito mais grave do que parece, e em muitos casos a mãe nesse período ainda nem sabe que está esperando um bebê. Esses fatores podem levar a morte do embrião ou comprometer a estrutura energética e de caráter quando o bebê nascer (VOLPI e VOLPI, 2002).

Os autores enfatizam o cuidado que tem que se ter em relação ao estresse da mãe, pois esse fator pode interferir diretamente no desenvolvimento das células, e o dano é irreversível. É nesse período que acontece a predisposição a alguns tipos de doenças.

Dando continuidade, na nona semana já existe o chamado feto, o que significa que este futuro bebê está mais forte e não tão vulnerável, mas ainda é preciso ter muito cuidado principalmente com o fator estresse. Na décima semana já é possível que a mãe sinta os movimentos do bebê. O bebê vai se desenvolvendo, seus órgãos vão se formando por completo e ficando forte o suficiente para que resista a vida fora do aconchego do útero da mãe, o sexo já se define, o espaço dentro da barriga da mãe vai ficando apertado, o bebê vai se posicionando de ponta cabeça, para assim facilitar a hora do parto.

No momento do parto o útero se contrai para que o bebê saia, isso acontece devido a uma grande quantidade de hormônios que é liberada. O bebê finalmente nasce, mas ainda não consegue enxergar direito, até o momento que sua mãe for o “foco” que é preciso para o desenvolvimento emocional do bebê, assim sendo ele terá uma visão normal. O momento do parto é muito importante também, e toda influência que há do estresse em volta deste momento. O parto natural é o mais indicado, pois é quando o bebê avisa que está pronto para vir ao mundo, mas quando isso não é possível não quer dizer necessariamente que será um parto de cesárea que irá trazer os bloqueios e comprometimentos para o bebê. O importante é o contato físico, energético e emocional que essa mãe teve desde o início da gestação e terá daqui em diante com seu bebê, o mais importante é que ela esteja disponível para tal.

Nos primeiros dias de vida os olhos e ouvidos do bebê são muito delicados, por isso o mais adequado é que ele fique num lugar mais escurinho

e silencioso até que vá gradativamente se habituando ao mundo que o rodeia. Agora se dá início a fase da amamentação, tão importante como já falado anteriormente quando falamos do caráter. No período “fetal” que dura até os dez dias é importante não deixar com que a criança fique chorando, pois ainda não produz lágrimas, o que pode comprometer mais tarde sua visão (como a necessidade de muitos anos após ter que fazer uso de óculos, ou mesmo ter algum bloqueio que comprometa seu desenvolvimento emocional). Depois dos dez dias passa para o período “neonatal” que só vai terminar quando acontece o desmame, lá pelo nono mês (VOLPI e VOLPI, 2002).

Então, geralmente é até este período que acontecem os comprometimentos que dão propensão para que a pessoa se torne agressiva posteriormente. Por isso é muito importante observar a maneira como a mãe e o pai, mas principalmente a mãe lida com o bebê desde a gestação, pois se sabe que o estresse que é passado para o bebê pode ter danos para uma vida toda, e sabemos que cada vez mais o estresse está dentro de cada casa, de cada família, seja ele por qualquer motivo, trabalho, dinheiro, problemas nas relações, enfim, esteja sempre atento as suas sensações e sentimentos para que o estresse não prejudique quem mais você ama.

5 AUTO-AGRESSÃO

Há pessoas que se envolvem em atividades que elas mesmas sabem que estão sendo prejudiciais a elas mesmas, mas mesmo assim ainda continuam a repetir estas atividades, mesmo com consciência que não está fazendo bem a ela mesma. É uma tendência a autodestruição, difícil até mesmo do terapeuta lidar com o paciente, pois muitas vezes o terapeuta acredita na evolução do paciente, mas o paciente não reage positivamente, continuando com sua autodestruição (LOWEN, 1979).

O autor diz que parece uma necessidade em passar por experiências traumáticas que faz com que esse tipo de pessoa sofra. Como por exemplo, uma pessoa que se sente rejeitada, se expõe a situações que sabe antecipadamente que sofrerá a rejeição. Muitas dessas pessoas já tiveram ou tem um desejo de morrer.

Pessoas que se auto agridem, ou seja, são autodestrutivas, estão sinalizando que a energia vital do seu organismo está dissipada. Quando falo da autodestruição, não são apenas grandes e atos notoriamente graves, como se cortar, se machucar para sentir dor ou tentar suicídio. Atos que parecem pequenos, como tomar remédio pra dormir mesmo não tendo uma necessidade real, ou remédios para ansiedade ou depressão, que a pessoa as vezes toma para ter uma garantia que vai conseguir enfrentar o mundo, e passa muitas vezes uma vida toda como se estivesse anestesiada, para as emoções, sentimentos, enfim anestesiada pra própria vida.

A pessoa que se comporta dessa maneira terá predominantemente o caráter esquizóide. Núcleo psicótico não é esquizóide, mas todo esquizóide tem um núcleo psicótico. O esquizóide tem um desenvolvimento emocional interrompido no útero e/ou nos primeiros vínculos afetivos, seu comprometimento é na fase ocular mais especificamente no período de sustentação. Sente-se emocionalmente rejeitado e uma negação do direito de existir. É predominantemente racional e desvaloriza as emoções (VOLPI, 2007).

O esquizóide, diz Lowen (1979), não se prende nas relações, pois acha que sempre será abandonado. Para ele o comportamento autodestrutivo é uma questão de sobrevivência, é sua defesa, seu modo de lidar com seus medos e conseguir enfrentar a vida, a sua maneira. A tentativa de suicídio além de ser

um claro comportamento de autodestruição não deixa de ser um desesperador pedido de ajuda. A insensibilidade dos pais algumas vezes leva, lamentavelmente, os jovens a atos autodestrutivos, pois parece que só assim é levado a sério. É preciso ficar muito atento, pois o desespero pode chegar ao ponto que a pessoa nem se importe mais, assim a linha que separa a vida da morte pode ser ultrapassada, pois às vezes esse pedido de ajuda nunca chega.

A pessoa esquizóide reage a cada situação como se fosse sempre uma questão de vida ou de morte, parece que cada decisão apresenta a questão de sobrevivência. Cada decisão carrega o fardo das alternativas de tudo ou nada, o que resulta na pessoa não conseguir nada, ela apenas dá um jeito de sobreviver, mas fracassa em satisfazer qualquer um de seus desejos.

O desespero que a pessoa esquizóide sente não é superado enquanto ela não se assegurar de sua habilidade de sobreviver, ou seja, o esquizóide precisa mergulhar nas profundezas do seu desespero e aceitar a sua sorte (LOWEN, 1979).

6 PREVENÇÃO

É importante salientar que existe prevenção para que a pessoa não se torne patologicamente agressiva. A prevenção pode ter início na infância com precauções aparentemente simples como o cuidado, atenção e ajuda profissional. Uma vez recebida a atenção desejada, os meninos principalmente, tendem a se acalmar e assim deixam de oferecer perigo (LUCK e STRUBER, 2006).

A prevenção do encouraçamento é o aspecto principal da higiene mental preventiva. A prevenção seria desnecessária se as crianças pudessem desenvolver como a natureza prescreveu. Os organismos que funcionam de acordo com a lei da natureza não apresentam biopatias. O encouraçamento é a “peste emocional”, pois a supressão da natureza da criança não é feita meramente com o fim de adaptá-la a um Estado, Igreja ou cultura, essa é a função secundária. A primeira função é para que o ser humano não entre em contato com o terror que o aflige quando encara qualquer tipo de expressão vital. É o ódio brutal, baseado no terror, que conduz ao encouraçamento do recém-nascido (REICH, 1987). Sabe-se que o moralismo somente aumenta a pressão dos crimes e da culpa, e nunca alcança as raízes do problema em si.

Não há motivo para preocupação, geralmente, quando uma criança diz que vai matar você ou quando pega uma faca e age como se fosse usá-la. Por outro lado, há inúmeras razões para se preocupar quando uma criança é sempre educada e obediente, nunca fez ameaças de morte, mas abriga em sua estrutura caracterológica, intensas fantasias de assassinato ou desenvolvem fobias de facas e assassinatos. A criança que se expressa com naturalidade não cometerá um assassinato, enquanto a que nunca desobedece nem ameaça pode desenvolver uma estrutura com fortes impulsos assassinos que dependendo das circunstâncias pode levá-la a cometer um crime. O que se tem a fazer é manter o biosistema da criança livre de qualquer tendência à estase de sua energia biológica, observável na frustração. A criança saudável não será prejudicada pela violência dos cinemas e dos desenhos animados, pois ela não se interessa por estas crueldades, reage a elas com desgosto ou coloca atenção nelas por algum tempo para novamente abandoná-las. A criança emocionalmente doente absorve ansiosamente a crueldade, incorpora-a a sua estrutura agregando-lhe coisas oriundas de sua fantasia eleva-a a

perfeição maligna por um dos caminhos ocultos e tortuosos pelos quais opera a peste emocional. Sabendo que a saúde não consiste na ausência total de doença, mas na habilidade do organismo para ultrapassar a doença e sair dela sem danos (REICH,1987).

O autor explica que a peste emocional não é uma expressão da vontade doentia consciente nem de uma brutalidade dirigida: o caráter estrutural da peste torna seus efeitos mais perigosos. A peste emocional é um traço característico, como o anseio, a perseverança ou a fraqueza. É um comportamento biopático presente nas relações humanas. A fonte de energia da peste emocional é basicamente a frustração sexual combinada com uma aguda agressividade. As pessoas afligidas pela peste emocional agem com a subjetiva firme convicção de estar servindo de algum propósito.

A peste emocional é uma biopatia crônica do organismo que se manifestou na sociedade com a primeira repressão em massa da sexualidade genital. É projetada nas crianças desde os seus primeiros dias de vida. É uma doença endêmica, como a esquizofrenia ou o câncer, com uma diferença notável: manifesta-se essencialmente na vida social. A esquizofrenia e o câncer são biopatias que podem ser consideradas como um resultado da dominação produzida pela peste emocional na vida social. Os efeitos da peste emocional podem ser percebidos no organismo humano, como no convívio social. Hora ou outra ela se transforma em epidemia, como qualquer outra doença contagiosa. Estas epidemias manifestam-se em irrupções violentas e disseminadas de sadismo e criminalidade, em pequena e grande quantidade. A Inquisição católica da Idade Média foi uma dessas explosões epidêmicas (REICH, 2004).

A peste emocional é considerada uma doença, pois desta maneira mobiliza-se a medicina e a educação. Ela representa uma grave ameaça à vida, mas não é do tipo que pode ser eliminada por forças policiais.

Segundo Reich (2004), os ataques agudos de peste emocional são geralmente provocados por uma perturbação na vida amorosa, e desaparece depois de eliminada a perturbação. Fica claro que a peste emocional está ligada mais intimamente ao caráter neurótico. Um comportamento natural e saudável não pode ser perturbado ou eliminado por qualquer tratamento médico autêntico, por exemplo, não há meios racionais para se “curar”, isso é, perturbar, uma relação amorosa feliz. Mas um sintoma neurótico pode sempre

ser eliminado. Uma reação de peste é acessível à verdadeira terapia caracterológica e pode ser eliminada.

Para melhor compreensão entende-se que, em situações em que o indivíduo saudável faz sugestões e ajuda usar suas experiências como exemplo para outros, deixando-lhes a decisão de segui-los ou não, a pessoa dominada pela peste emocional impõe à força seu modo de vida aos outros. As pessoas com peste emocional não toleram opiniões que ameacem sua coragem ou desmascarem seus motivos irracionais (REICH, 2004).

Na verdade, a peste emocional é uma neurose de caráter ou biopatia de caráter, afirma Reich, mas é também um comportamento humano que, com base numa estrutura de caráter biopática, age de maneira organizada ou típica em relações interpessoais, isto é, sociais, e em instituições.

O restabelecimento da vida amorosa natural das crianças, adolescentes e adultos pode livrar o mundo das neuroses de caráter e da peste emocional em suas diversas formas (REICH, 2004).

Durante décadas coisas boas e importantes para a vida da criança têm sido escritas e faladas, mas não penetraram, não formaram uma lei pública irrepreensível. Todos vêm como os filhotes de animais crescem e são cuidados, inúmeros livros e poemas têm sido escritos sobre isso, mas nada disso penetrou na vida do ser humano. Quase toda mãe sabe profundamente o que a criança é e do que ela precisa, mas a maioria das mães segue teorias falsas e perigosas, de teóricos superficiais, em vez de ouvir seus próprios instintos naturais. Desta maneira, a dificuldade não está nos problemas infantis, mas em algo mais forte, na estrutura de caráter humano, que obstaculiza o caminho daqueles que tentam resolver esses problemas. Por essa razão fica evidente que os obstáculos no caminho dos cuidados racionais das crianças são muito mais importantes que os problemas da criança em si. (REICH, 1987).

A formação de crianças, se levada a sério, implica lidar corretamente com sua sexualidade, e para isso é preciso que os pais e educadores conheçam por experiência própria o que é o amor. O mais coerente é que as crianças desfrutem o amor deles abertamente e não como os outros impõem, em cantos escuros. Pais que dão esta liberdade são a semente da qual crescerão as gerações futuras, sadias de corpo e mente (REICH, 1998).

O ser humano tem medo, medo mortal das suas profundezas, é por isso que não as sente nem as vê. Todo ser humano tem uma opinião própria e,

no futuro, vai considerar uma desgraça não a conhecer, não a expressar e defender. Se o ser humano soubesse a importância única que cada um possui, que tem uma opinião própria correta, que sua vida e seu trabalho se destinam a propiciar a vida e não a morte, não precisaria de ditadores de opinião, pois cada homem se oporia com a consciência do seu próprio valor e com orgulho do seu próprio trabalho (REICH, 1998).

O ser humano, segundo a autor nossas crianças do futuro, terão uma vida boa e segura quando estar vivo significar mais do que a segurança, o amor mais do que o dinheiro, a liberdade mais do que a opinião pública ou do partido, quando o pensamento estiver em harmonia, não mais em conflito com seus sentimentos, quando aprender a reconhecer as coisas na devida hora, como seus dons e a chegada da velhice, quando deixar se guiar pelos pensamentos dos grandes sábios e não mais pelos crimes dos grandes guerreiros, quando deixar de dar mais importância a uma certidão de casamento do que o amor entre homem e mulher, quando aprender a reconhecer seus erros prontamente e não deixar para quando já for tarde demais, quando pagar aos educadores de seus filhos mais do que pagam aos políticos, quando as verdades o inspirarem e as fórmulas vazias causarem repulsa, quando a felicidade no amor da sua filha adolescente fizer seu coração se encher de júbilo ao invés de enfurecê-lo, quando puder abanar a cabeça apenas ao se lembrar dos tempos em que as crianças pequenas eram punidas por tocarem seus próprios órgãos sexuais, quando os rostos que ver nas ruas não estiverem marcados pela dor e aflição mas sim radiantes de liberdade, vitalidade e serenidade, quando os corpos pararem de caminhar mundo afora com pelves rígidas e retraídas e órgãos sexuais congelados. O ser humano tem isso em algum canto bem no fundo do ser.

A evasão e o ódio contra o princípio vital são duas características acentuadas do comportamento do ser humano. E o termo “vital” deve ser considerado em sentido amplo. O vital não designa unicamente as funções centrais, a genitalidade e a alegria de viver como também diversas funções vitais positivas, tais como a verdade, a objetividade, a naturalidade sem disfarces, a criatividade básica, o desvio do caminho bem traçado do pequeno homenzinho encorajado. O ódio profundo e assassino contra qualquer coisa viva é bem conhecido e já foi esplendidamente descrito por diversos escritores. O problema, não é a existência de ódio e o conhecimento de suas funções,

mas sim a completa incapacidade desses fatos de penetrar no rebanho humano. Por essa razão, o principal objetivo numa tentativa racional e crucial de enfrentar a peste emocional deve ser, criar um solo apropriado na consciência humana para que esse conhecimento possa crescer e exercer seus efeitos contra ela (REICH, 1987).

7 CONCLUSÃO

A agressividade quando se torna prejudicial a própria pessoa ou ao outro pode prover de vários fatores dentre eles, as influências do ambiente em que se vive, as regras da sociedade, a educação familiar e não se pode esquecer que existem fatores neurológicos que devem ser verificados, pois alterações na anatomia do cérebro influenciam diretamente no comportamento dos indivíduos. O fator que mais chama a atenção são os sentimentos e a maneira como é lidado com eles, no caso da agressividade a raiva e o estresse estão estritamente relacionados.

Expressar a raiva para com a mágoa que a causou permite que um ferimento emocional se cure. Sendo que o primeiro passo para que isso aconteça é se permitir sentir a raiva, identificá-la, tornar conhecida sua origem e então expressá-la sadicamente, ou seja sem se prejudicar e sem prejudicar o outro, pois expressar a raiva é uma reação natural e saudável, e necessária para manter equilibradas nossas emoções.

Percebe-se, através da exploração sobre desenvolvimento emocional como o momento do nascimento é extremamente importante, pois os registros vão ficar na mente e no corpo do indivíduo. A interferência que o estresse provoca no desenvolvimento emocional de qualquer ser humano, e dependendo da fase em que ele está mais evidente, ou seja, como está sua intensidade e sua frequência, acontece o comprometimento da pessoa. O que gera o núcleo psicótico é o estresse, não necessariamente na gestação, pode ser na hora do parto.

A maneira mais adequada de trabalhar com o núcleo psicótico é proporcionando um contato saudável, caloroso, um colo amoroso. Com o oral é preciso fazer com que ele se organize internamente. Na pessoa com alto nível de agressividade é importante trabalhar essas duas questões, pois são os caracteres predominantes no indivíduo agressivo, sabendo que paralelo ao núcleo psicótico vai aparecendo a oralidade, que se estabelece por uma carência de amamentação ou excesso, sem qualidade.

Para trabalhar o caráter é preciso ter conhecimento da couraça, que são as emoções reprimidas que vem através da repressão, impede a pessoa de progredir, pois é como se a pessoa estivesse dentro de uma casca, e se libertando desta casca a pessoa amadurece, consegue lidar melhor com o

mundo a sua volta, sem descartar a possibilidade de que a pessoa volte a sentir tensões em seu corpo. A vegetoterapia proporciona uma flexibilização da couraça, pois eliminá-la faz com que a pessoa não tenha mais suas defesas que precisa para passar por algumas dificuldades, então a vegetoterapia libera as emoções e procura solucionar os conflitos emocionais.

É importante destacar que existe a possibilidade da prevenção para que a pessoas não se torne patologicamente agressiva, afinal sabe-se que todos os dias, a educação familiar e as condições sociais criam novas e milhares de neuroses. Mas quando se consegue identificar onde estão as falhas e não ter vergonha de admiti-las para seus próprios filhos, por exemplo, fica mais fácil de lapidar os padrões de comportamento que estão levando as pessoas a realizarem atos tão grotescos contra os outros e contra si mesmo.

Deixar com que as crianças de expressem naturalmente é a melhor forma de prevenção, os reprimindo o mínimo possível, digo o mínimo possível, pois para pais ou educadores que se encontram emaranhados na peste emocional é uma tarefa árdua permitir que as crianças se expressem sem pudor algum.

Lembrando que não se pode generalizar as pessoas que tem propensão ou se tornam patologicamente agressivas, afinal cada ser humano tem sua história e cada pessoa tem um comprometimento em determinada fase da vida, como foi visto no caso da agressividade pode ocorrer desde a gestação até os primeiros meses de vida da criança, mas sem conhecer a história da pessoa não podemos determinar em que período exato aconteceu o bloqueio.

Sendo assim, a terapia transcorre conforme a história de cada paciente e seus bloqueios. O desbloqueio se dá através dos *actings* da vegetoterapia.

Todo processo terapêutico acontece no presente, seja quando a queixa faça parte do presente ou do passado, seja o projeto terapêutico trazendo a tona emoções que ficaram guardadas desde o útero, que é quando o bebê já sente, age e reage a sua maneira as emoções da mãe. O que de mais importante deve-se aprender em qualquer forma de terapia é uma maneira melhor de descarregar os sentimentos, de forma que fique um mínimo de resíduo dos encontros emocionais e que a pessoa fique livre para interagir com suas feridas emocionais cicatrizando-as.

REFERENCIAS

KOLB, B.; WHISHAW, I. **Neurociência do comportamento**. São Paulo: Manole, 2002.

LOWEN, A. **O corpo traído**. São Paulo: Summus, 1979.

LÜCK, M.; STRÜBER, D. Local do crime: o cérebro in: NASTARI, A. (Org.) **Viver mente e cérebro**. São Paulo: Duetto, nº116, p.38-45, 2006.

NAVARRO, F. **A Somatopsicodinâmica**: sistemática reichiana da patologia médica. São Paulo: Summus, 1995.

NAVARRO, F. **Caracterologia pós reichiana**. São Paulo: Summus, 1995.

NAVARRO, F. **Metodologia da vegetoterapia caracterológico-analítica**: sistemática, simiótica, semiologia, semântica. São Paulo: Summus, 1996.

OLIVEIRA, L. G. A violência implícita e o homem moderno segundo Reich in: VOLPI & VOLPI. **Psicologia Corporal**. Curitiba: Centro Reichiano, 2008, p.60-65.

REICH, W. **Análise do caráter**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

REICH, W. **Escute, zé-ninguém**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VISCOTT, D. **A linguagem dos sentimentos**. 18. ed. São Paulo: Summus, 1982.

VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. **Crescer é uma aventura**: desenvolvimento emocional segundo a psicologia corporal. Curitiba: Centro Reichiano, 2002.

VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. **Reich**: da psicanálise à análise do caráter. Curitiba: Centro Reichiano, 2003.

VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. **Reich**: da vegetoterapia à descoberta da energia orgone. Curitiba: Centro Reichiano, 2003.

VOLPI, S. M. **Curso de especialização em psicologia corporal**. Curitiba: Centro Reichiano, 2007. Notas de aula.